

Cardeal Scherer rejeita a obra de Paulo Freire

Da sucursal de
PORTO ALEGRE

Ao comentar a obra e as idéias de Paulo Freire, o cardeal Vicente Scherer, de Porto Alegre, lamentou "o suposto progressismo de numerosos educadores, inclusive religiosos ou religiosas, e não poucas manifestações de setores da Igreja que obedecem, com certeza inconscientemente, à linha de pensamento do educador". Falando no programa semanal *A Voz do Pastor*, d. Scherer alertou que "essa filosofia educacional não se concilia e não se harmoniza com os princípios da doutrina cristã e com eles está em chocante e irreconciliável contradição".

O cardeal aponta alguns exemplos dessa contradição, citando afirmações de Paulo Freire que tiveram "como fonte inspiradora e confirmação de suas proposições corifeus do marxismo teórico internacional". Comentando a seguir a influência dessas idéias também sobre setores religiosos, diz que "em alguns setores da Igreja muito se emprega hoje a expressão *educação libertadora*, que admite uma explicação ortodoxa e aceitável, mas certamente encerra ambigüidades e polivalência, pois provém da terminologia marxista, de outro conteúdo e sentido, oposto e contraditório com o primeiro".

D. Vicente mostra que as teorias de Freire aceitam "formalmente a dialética hegeliana e a interpretação marxista da História", e que a própria expressão "opressores e oprimidos" presente em sua obra e "muito em voga em certa espécie de literatura eclesial", se origina do *Manifesto Comunista*, de Marx. Diz o cardeal: "É a explicação e a justificação apresentada da inexorável e insuprimível 'luta de classes', base e quinta-essência da interpretação marxista da História e do processo da produção. É a filosofia substancial de todo o sistema adotado nos regimes comunistas. Insistentemente fala Freire da

transformação ou 'liberação revolucionária' cujo sentido, rumo e objetivos tornam-se claros e manifestos. Reconhecemos que na supressão das contradições entre 'opressores e oprimidos', que só pode ser programada e realizada por estes (os oprimidos), está implícito o desaparecimento dos primeiros como classe que oprime", acrescentou o cardeal, citando um trecho do livro de Freire, *"Pedagogia dos Oprimidos"*. Depois disso é que o cardeal criticou a defesa da chamada "educação libertadora".

Ainda segundo d. Vicente "o conceito de educação e a antropologia de Freire se revelam iniludivelmente agnósticos e plenamente laicistas. Propõem como objeto prioritário e exclusivo a formação do homem capaz e decidido de se engajar na luta transformadora e revolucionária no sentido indicado. A filosofia cristã, ao invés, e principalmente o Evangelho, ou a educação cristã, na tradição e em todos os documentos da Igreja, colocam muito mais alto a finalidade do esforço educacional na família, na escola e na Igreja". D. Scherer continua, afirmando que "visa ela a desenvolver no educando todas as suas virtualidades e talentos naturais apontado-lhe os ideais da justiça, da retidão, da solidariedade, da independência, da ternura, da colaboração, do trabalho, enfim de todos os valores permanentes e indispensáveis de uma perfeita humanização".

Tais disposições de "ordem natural" que propõem "como modelo a pessoa divino-humana", estão ausentes da obra de Freire, constata d. Vicente, que diz ainda: "A mudança e a modificação que propõe não é o homem que vive segundo o Evangelho nem a 'nova criatura' das epístolas paulinas, mas o cidadão que pela *praxis* ou luta revolucionária destrói as demais classes que considera opressoras, superando assim a contradição hegeliana, presente na realidade, pela sobrevivência de uma só

classe, a dos antigos oprimidos que instaurarão o novo regime imaginado e sonhado".

Depois de fazer algumas citações da obra de Freire e os "corifeus do marxismo teórico internacional" em que elas se inspiraram, o cardeal arcebispo de Porto Alegre disse, ao comentar as opiniões do educador sobre as igrejas: "Ele equipara todas a mesma valia ou desvalia e indiferentemente, só se tornam aceitáveis enquanto adotam ou não a *praxis* revolucionária de transformação, como ele a propõe admitem 'o compromisso histórico' de evolução para a implantação da sociedade sem classes". D. Vicente citou uma afirmação de Freire, para que "as igrejas em geral estão aliadas a classes dominantes numa ação verdadeiramente anestesiadora que serve a superestrutura ideológica burguesa".

A seguir, alertou: "Tudo isto não tem a ver com o aprofundamento do conhecimento das verdades fundamentais da mensagem de Cristo, nem com a vida espiritual, nem com uma busca incessante do 'reino de Deus e de justiça', mas serve a uma teologia política de libertação no sentido marxista que consiste na escravidão imperante nos países de dominação comunista. Depois de lembrar que não nega discute o direito de Paulo Freire de expor suas idéias, o cardeal, finalmente explica sua posição, no caso: "Minha intenção se restringe a mostrar que a concepção e suas teorias confrontalmente com o pensamento da doutrina do Evangelho e da Igreja não correspondem às exigências de uma ordem pública que respeite os postulados de uma sociologia fundamentada e inspirada nos direitos naturais e intocáveis da pessoa humana. O sistema proposto por Freire — leitores, mestres e alunos da visão total do homem, da sociedade e do mundo".